

## NOTAS PARA O ESTUDO DO PERÍODO CASTREJO-ROMANO NO CONCELHO DE AROUCA

por

António Manuel dos Santos Pinto da Silva \*

O concelho de Arouca localiza-se na faixa beirã situada entre os rios Douro e Vouga.

Ocupa uma área genericamente montanhosa e de cobertura florestal, sendo as altitudes dominantes as situadas entre os 200 e os 600 metros, com excepção da parte meridional do concelho, que abrange parte da Serra da Freita. Com efeito, para sul do Arda, os relevos ultrapassam rapidamente os 600 m. até às superfícies aplanadas culminantes da Freita, serra que com as do Arestal e da Arada forma o que desde Amorim GIRÃO (1922) se vem designando por Maçico da Gralheira e que tem altitudes máximas perto da cota dos 1100 metros.

Do ponto de vista litológico, a região divide-se genericamente entre zonas de xistos e de granitos, ou, mais concretamente, por áreas de rochas integráveis no chamado complexo xisto-grauváquico (xistos, quartzitos, grauvaques, etc.), usualmente considerado de idade câmbrica e precâmbrica superior (FERREIRA, 1978: 15); e zonas formadas por granitos de orogenia hercínica, alcalinos ou mais geralmente de tendência alcalina (CORDEIRO, 1986 a: 7; PEREIRA, 1980), destacando-se ainda a grande mancha de quartzodioritos biotíticos que integram o maçico de Arouca (*id.*).

Além da constituição litológica, razões de ordem tectónica estrutural e morfoclimáticas determinaram o modelado dos relevos da região de Arouca, como o demonstrou Rochette CORDEIRO (1986a), na sequência, aliás, de trabalhos anteriores (FERREIRA, 1978).

No aspecto hidrográfico, são dois os principais rios que cruzam o concelho: o Arda e o Paiva. Se bem que ambos integrados na bacia hidrográfica do Douro, características diversas os diferenciam. O Paiva, que em Arouca cumpre apenas uma etapa do seu longo traçado desde a Serra da Nave, atravessa

---

\* Centro de Arqueologia de Arouca, Ap. 39 — 4540 AROUCA

a parte leste do concelho. Profundo e frequentemente caudaloso, corre geralmente encaixado com numerosos meandros e quedas de declive. O Arda, formado na veiga de Arouca pela confluência de diversos ribeiros, apresenta ao longo do seu curso um caudal mais modesto, apesar da multiplicidade de linhas de água que a ele afluem. Para a drenagem desta região contribui ainda o Caima, que nasce na Serra da Freita, mas em ínfima proporção, uma vez que o seu curso se orienta para SW e só em escassos quilómetros percorre as terras de Arouca (Fig. 6).

A região mais litoral entre o Douro e o Vouga encontra-se extremamente carenciada de trabalhos arqueológicos de metodologia científica moderna, seja no domínio da arqueologia castrejo-romana, seja no tocante a outras épocas.

Após os esforços pioneiros de homens como Alberto SOUTO (1942) ou Rocha MADAHIL (1941) e além dos trabalhos de Albuquerque e Castro e outros arqueólogos em meados do século, no domínio do megalitismo (CASTRO, 1957), só recentemente se vem assistindo ao reavivar da investigação arqueológica sistemática, mas apenas para zonas muito localizadas<sup>1</sup>.

No capítulo que particularmente nos interessa — o conhecimento do período castrejo e da romanização — bastam os dedos de uma mão para enumerar as estações arqueológicas intervencionadas com metodologia adequada; cálculo que diz respeito, note-se, a uma área correspondente a cerca de uma dúzia de concelhos, para sul de Gaia até ao Vouga. Nomeadamente, devemos indicar a escavação dos castros de Romariz (SILVA, A. C. F., 1982; 1986) e Fiães (ALMEIDA, 1971; 1972a-b), na Feira e de UI, em Oliveira de Azeméis (MARQUES, 1986; 1987), além de alguns outros trabalhos que por diversas razões resultaram inconsequentes ou não tiveram a necessária continuidade<sup>2</sup>. Todas estas escavações, por outro lado, têm incidido em povoados, olvidando estações doutras tipologias.

Desta forma, a região de Arouca encontra-se numa área em que o conhecimento sobre a época castrejo-romana é ainda muito lacunar.

Interessa, assim, obter informação que permita relacionar melhor a cultura castreja e a romanização desta região com os dados conhecidos para a área a Norte do Douro, por um lado; e por outro que possibilite a compreensão do modo como a Beira Litoral Norte se articula com a proto-história da Beira Alta e com as estações similares mais meridionais da zona do Mondego.

É no sentido de contribuir para a clarificação de toda esta problemática que temos em curso na região de Arouca um projecto de investigação em

---

<sup>1</sup> Como é o caso de Arouca, onde nos últimos cinco anos se vem procedendo a trabalho arqueológico sequente e planificado para o estudo do megalitismo. Cfr., por exemplo, SILVA, F.A.P., 1986, 1987a, 1987b.

<sup>2</sup> Cfr. MADAHIL, 1941; BRANDÃO, F.A., 1982; VAZ, 1982, 1983.

relação ao povoamento castrejo-romano.

Na verdade, o concelho de Arouca exemplifica bastante bem o panorama que traçamos para a globalidade da região envolvente. Embora estejam referenciados há bastante tempo alguns castros e, pelo menos, uma necrópole importante (Alvariça, Espiunca), só no presente ano se iniciaram trabalhos arqueológicos prévios numa dessas estações, o Castro de Valinhas, na freguesia de S.<sup>ta</sup> Eulália<sup>3</sup>.

Além de referências avulsas de autores antigos ou monógrafos locais (PINHO LEAL, 1873-90; SIMÕES JÚNIOR, 1959; SILVA, F.A.P., s/ d), os estudos publicados relacionados com este período cronológico incidem particularmente em trabalhos de natureza epigráfica (ALMEIDA, 1959; LAMBRINO, 1959-60; BRANDÃO, 1961a-b; 1962a; 1987) ou noticiam achados isolados de peças metálicas proto-históricas (SIMÕES JÚNIOR, 1962; BRANDÃO, 1962b). Recentemente, intentámos a revisão de toda a informação publicada, tendente a um primeiro balanço da investigação arqueológica naquele domínio (SILVA, 1987b). Por outro lado, importa acrescentar que a investigação tem avançado noutras áreas cronológicas, particularmente no tocante ao megalitismo<sup>4</sup>, mas também em aspectos relacionados com a arqueologia medieval (GUIMARÃES, 1987; SILVA, 1987a; 1988).

No presente trabalho voluntariamente omitimos a referência aos monumentos epigráficos, bem como aos achados avulsos (como os de natureza numismática) e ainda à problemática ligada à viação romana<sup>5</sup>. Preferimos, de facto, fazer incidir a nossa atenção nos espaços habitacionais e necrópoles, por entendermos serem linhas de estudo axiais para compreender o povoamento antigo de uma região.

Começando pela referência às áreas cemiteriais já detectadas dentro dos limites do concelho, sem dúvida que a necrópole mais relevante, ao momento, é a de Alvariça, na freguesia de Espiunca.

Aí apareceu nos meados do século um cemitério romano com abundante espólio cerâmico e epigráfico. As sepulturas eram «quadrangulares e formadas por lâminas de xisto» (SILVA, F.A.P., s/d) e neste mesmo material se achou um interessante conjunto de sete estelas funerárias que serviram de cabeceiras de sepultura» (BRANDÃO, 1962a). O rito de enterramento praticado foi a incineração (*id.*) e o espólio funerário das sepulturas era composto por bilhas, púcaros e pratos, alguns ostentando grafitos, além de um numisma datado da época de Galieno (SIMÕES JÚNIOR, 1959). Os materiais cerâmicos asseme-

---

<sup>3</sup> Trabalhos de nossa responsabilidade, com a competente autorização do IPPC, que decorreram em Agosto de 1988.

<sup>4</sup> V. nota 1.

<sup>5</sup> Aspectos que já abordámos em trabalho precedente (SILVA, 1987b).

lham-se aos habitualmente encontrados em necrópoles tardo-romanas e a necrópole de Alvariza vem sendo datada, sobretudo a partir dos caracteres epigráficos das estelas, dos séculos IV ou V (BRANDÃO, 1962a). Se as epígrafes foram já, pelo menos parcialmente, publicadas por D. Domingos de Pinho BRANDÃO (1962a; 1987), o espólio cerâmico, conservado no Museu do Seminário Maior do Porto, aguarda estudo e publicação, o que esperamos venha a suceder proximamente<sup>6</sup>.

Na freguesia de Escariz, em Vale Lameiro, foi detectado na abertura de um caminho, há cerca de 30 anos, um outro conjunto de sepulturas. A necrópole, situada a uma cota de cerca de 490 metros, ocupa uma área ligeiramente sobre-elevada em relação aos terrenos envolventes, de lameiro. Foi ainda possível em 1987 documentar uma das sepulturas cavadas na rocha (Figuras 1 e 2). Uma vez que a descoberta desta necrópole ocorreu há já algumas décadas, a memória local não é muito precisa acerca do estado das sepulturas na altura do seu achado. Todavia, há recordação de cerca de seis sepulturas, cobertas por lajes de pedra e, pelo menos alguma, forrada internamente de telha; algumas (?) conteriam um vaso. Acrescente-se a existência de uma tradição que liga o sítio à localização de uma antiga igreja<sup>7</sup>.

Estão ainda assinaladas necrópoles noutras locais do concelho, como junto à capela de S. Tiago de Valinhas (S.<sup>ta</sup> Eulália), onde há cerca de duas décadas se encontraram «túmulos graníticos», parte dos quais, pelo menos, foram destruídos na altura (SILVA, F., 1986); ou em Belece, S. Miguel do Mato, onde sepulturas, segundo a tradição com espólio cerâmico, foram igualmente desmanteladas para a abertura de um caminho<sup>8</sup>, mas aqui, como em Vale Lameiro, só acções de escavação arqueológica, previstas, aliás, a médio prazo, solucionarão as questões que se levantam, mormente no tocante à sua datação.

No respeitante à localização dos espaços habitacionais, temo-nos defrontado com algumas dificuldades. Na verdade, a cobertura florestal de grande parte do concelho<sup>9</sup>, o facto de só nos últimos cinco anos vir a efectuar-se actividade arqueológica sistemática no concelho e outras razões (SILVA,

---

<sup>6</sup> Por carta que D. Domingos de Pinho Brandão nos remeteu em 25 de Julho de 1988 (assinada por Manuel Joaquim Moreira da Rocha, um dos seus mais directos colaboradores), temos conhecimento que D. Domingos tencionava efectuar a publicação «ainda este ano» de um conjunto de estudos relacionados com materiais arqueológicos de Arouca. Aquela carta explicita ainda que o próprio M. J. Moreira da Rocha se encarregaria de tal trabalho se a saúde de D. Domingos não lhe permitisse realizar tais planos.

<sup>7</sup> Agradecemos ao nosso amigo e colega Fernando Augusto Pereira da Silva a informação sobre esta necrópole, bem como a cedência das fotos incluídas neste trabalho.

<sup>8</sup> Agradecemos a Miguel Silva Pinho, estudante da Universidade Portucalense, que se tem revelado particularmente interessado na arqueologia da região.

<sup>9</sup> Segundo dados de 1978, 15 094 dos 32 800 ha da superfície do concelho eram constituídos por áreas florestadas (MAI, 1981).

1987b) dificultam muito o trabalho de prospecção que temos vindo a realizar. Na realidade, a maior parte das áreas de monte encontram-se cobertas por uma espessa camada de deposição vegetal, o que torna extremamente rara a detecção de materiais de superfície ou de quaisquer estruturas.

Naturalmente, em muitos locais a microtoponímia parece fornecer indicações bastante interessantes, e nalguns deles a própria topografia do terreno ajusta-se modelarmente às estratégias de implantação castreja que para outras regiões têm sido enunciadas. Todavia, após o reconhecimento de muitos desses locais, constata-se frequentemente que só a escavação ou o acaso de um achado fortuito poderão comprovar, ou infirmar, o interesse arqueológico desses sítios.

Caso que nos parece curioso é a aparente verificação de que a destruição completa das estruturas visíveis desses locais ocorreu há já alguns séculos.

Na realidade, referindo-se ao Castro de Valinhas, parcialmente sobreposto por uma ocupação medieval, as informações do pároco local às *Memórias Paroquiais* de 1758 afirmam laconicamente que «houve no sítio de S. João de Valinhas (...) um castelo que fora dos mouros, mas dele não há vestígio algum» (BRANDÃO, 1956-57).

A propósito do Monte Castêlo de Mansores, local rico de tradições e topónimos e onde Pinho Leal indica terem aparecido materiais metálicos (SILVA, 1987b), as mesmas *Memórias Paroquiais* registaram para a história a informação de «um castelo que dizem houve dos Mouros que já dele nada existe só o sítio» (*id.*).

Finalmente, acerca do Monte Curuto, em Escariz, o autor do *Portugal Antigo e Moderno*, que aliás morou nas proximidades (SILVA, 1987b), informa em meados do século passado: «Examinei muitas vezes o Cruto com todo o vagar e não vejo alli o minimo vestígio de qualquer casta de edifícios» (PINHO LEAL, 1873-90: II, 451).

E no entanto, o Monte Curuto é das estações da região que fornece mais material cerâmico de superfície. Trata-se de um cabeço cónico, em grande parte esventrado por pedreiras, a uma cota de 510 metros e cuja implantação domina uma grande área em redor. Cerâmicas de aspecto medieval (algumas, eventualmente, castrejas) têm aparecido juntamente com fragmentos de cerâmica carenada e utensilagem em sílex que podem, eventualmente, indiciar ocupação da Idade do Bronze (SILVA, F.A.P., 1988). Nas imediações ocorreu também um achado monetário, atribuído na altura à Baixa Idade Média (PINHO, s/d).

No Monte Valinhas (Fig. 3) efectuámos este ano trabalhos de limpeza e levantamento que permitiram detectar uma espessa camada pétreia de derrube e abundantes fragmentos cerâmicos de tipo medieval e castrejo, o que, pelo menos, torna algo estranha a informação remetida em meados do século XVIII para as *Memórias Paroquiais*.

Embora os trabalhos arqueológicos que vimos realizando em Arouca estejam ainda numa fase muito incipiente, algumas questões se poderão colocar, particularmente no tocante à localização do *habitat* castrejo.

Por um lado, o número relativamente pequeno de castros referenciados até ao momento pode sugerir uma baixa densidade populacional no período proto-histórico, à semelhança, aliás, do que sucede hodiernamente<sup>10</sup>.

Para esta circunstância concorre decerto o carácter montanhoso do concelho e a fraca percentagem de solos com aptidão agrícola. Na realidade, apenas cerca de 10% dos solos de Arouca têm capacidade agrícola, dos quais, só cerca de 3%, situados nalguns «fundos de vale sedimentares», são classificáveis como solos de tipo A (MAI, 1981). Desta forma, julgamos que a localização do *habitat* castrejo em Arouca poderá ter menos que ver com factores altimétricos e mais com o domínio sobre as áreas agrícolas associadas às principais linhas de água, como aliás sínteses recentes para esta área cronológica têm salientado (SILVA, A.C.F., 1986: 23), adaptando-se multiformemente à geomorfologia da região (MARTINS, 1988: 4), sem optar, necessariamente, pelos locais mais elevados.

Ora, uma das características geomorfológicas mais marcantes no concelho é a existência de diversas formações de tipo areolar, relacionadas por Rochette CORDEIRO (1986a: 56) com processos morfogenéticos do domínio subtropical. E é precisamente no grande alvéolo de Arouca que poderemos eventualmente testar a hipótese operatória que acima enunciamos. Trata-se de um vale amplo e fértil, irrigado pelo rio Arda e linhas de água afluentes (Figuras 4 e 5).

Nesta zona verdadeiramente fulcral das terras de Arouca situam-se duas estações que podem exemplificar o que atrás dissemos: o Monte Valinhas e a Cidade de Urrô. São estações situadas em cabeços com cotas na ordem dos 400-450 metros, resultantes de níveis de erosão pliocénicos (CORDEIRO, 1986a). Valinhas domina visualmente toda a parte leste do alvéolo; o monte da Cidade situa-se precisamente numa área que controla a «entrada» do alvéolo, num local onde o Arda rompe uma garganta escarpada. E poderemos ainda mencionar o Monte da Senhora da Mó, no topo Este do mesmo alvéolo, onde não é de todo improvável vir a encontrar-se também ocupação proto-histórica.

Outra questão que certamente merecerá reflexão atenta à medida que a informação arqueológica para a região vá aumentando é a relação entre duas actividades económicas que poderão ou não ter sido complementares: a agricultura e a pastorícia. Na verdade, interessará equacionar o posicionamento dos povoados em função destes dois vectores fundamentais: a prática agrícola nas terras irrigadas das veigas e a criação de gado mais ou menos itinerante nas

---

<sup>10</sup> Na verdade, o concelho de Arouca é de longe o de menor densidade populacional da região — 73 habitantes/km<sup>2</sup>, segundo dados de 1970 (MAI, 1981) — e a tendência demográfica da última década aponta para um decréscimo da população.

ambiências de montanha.

Por outro lado, importa relevar o papel que a existência de jazidas metalíferas na região pode ter tido na eventual atracção de populações, particularmente na época romana. De facto, relativamente perto da área NE do concelho de Arouca, na zona de Paiva, registam-se jazidas de prata e ouro, com eventuais vestígios de exploração romana (MEDEIROS, 1964: 53); e mais a sul, em Regoufe, existe o estanho (*id.*). Para Oeste do concelho de Arouca situa-se a área do «filão metalífero» conhecido desde o século passado (RIBEIRO, 1861) e onde existe também tradição de mineração romana, particularmente nas Minas do Pintor, a sul de São João da Madeira (PEREIRA, 1980: 58, 66)<sup>11</sup>.

Duas notas finais de carácter metodológico.

Na tentativa de superar a dificuldade de localização superficial de estruturas arqueológicas, levámos a cabo recentemente, com a colaboração da Universidade de Aveiro, trabalhos de prospecção no Monte Valinhas utilizando meios geofísicos. Concretamente, foi efectuado mapeamento magnético e prospecção pelo método da resistividade eléctrica<sup>12</sup>. Trabalhos de escavação agendados para 1989 permitirão, segundo esperamos, aferir da eficácia desse tipo de prospecção naquele local.

Por outro lado, realizámos também no corrente ano uma acção de levantamento toponímico no terreno, que abrangeu áreas de quatro freguesias do concelho. Este trabalho, que teve ainda carácter experimental, contou com a colaboração de jovens integrados em programas OTL e OTJ e foi executado pela técnica do inquérito oral. Resumindo os resultados atingidos, presenteemente em fase de tratamento e exploração, podemos adiantar que cerca de metade dos topónimos e microtopónimos registados e localizados não estavam ainda cartografados em qualquer das cartas disponíveis para a região, sendo alguns deles bastante sugestivos do ponto de vista daquilo a que pode chamar-se a «toponímia arqueológica». Todavia, interessa sublinhar que não entendemos o inquérito toponímico propriamente apenas como «pista» para a detecção de novas estações; mais do que isso, ele é fundamental para a compreensão da paisagem natural e para a descodificação da forma como através da linguagem ela foi sendo humanizada, o que constitui condição essencial para o conhecimento do povoamento em épocas antigas.

---

<sup>11</sup> Agradecemos a A. C. Ferreira da Silva ter-nos chamado a atenção para este aspecto, inicialmente omitido na apresentação pública desta comunicação nas sessões do Colóquio.

<sup>12</sup> Esses trabalhos foram efectuados por uma equipa dirigida pelo Prof. Senos Matias, do Departamento de Geociências da Univ. de Aveiro. Serão objecto de uma comunicação a apresentar às III Jornadas de Teledetecção e Geofísica Aplicadas à Arqueologia, a decorrer em 1989.

Finalmente, apresentamos um mapa de conjunto (Fig. 6) que resume o que para o concelho de Arouca se conhece sobre o período castrejo-romano<sup>13</sup>.

Arouca, 16 de Setembro de 1988

### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1959), «Duas Inscrições Romanas da “Civitas Sanctae Mariae”», *Douro Litoral*, 9ª Série, I, Porto.
- Idem* (com E. dos Santos) (1971), «O Castro de Fiães», *Revista da Fac. de Letras. Série de História*, 2, Porto.
- Idem* (com E. dos Santos) (1972a), «O Castro de Fiães (II)», *Revista da Fac. de Letras. Série de História*, 3, Porto.
- Idem* (1972b), «Cerâmica romana de Fiães», *Revista da Fac. de Letras. Série de História*, 3, Porto.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1956-57), «Conheça a sua Terra», *Defesa de Arouca*, números 36 a 86, Arouca.
- Idem* (1961a), *Lápide sepulcral luso-romana de Fervedo-Arouca*, sep. LVCERNA, I,1, Porto.
- Idem* (1961b), *Ainda a inscrição de Fervedo*, sep. LVCERNA, I, 2, Porto.
- Idem* (1962a), *A Epigrafia latina do concelho de Arouca e alguns dos seus problemas*, sep. «I Colóquio Portuense de Arqueologia», Porto.
- Idem* (1962b), *Achados soltos de cobre e bronze no concelho de Arouca*, sep. «I Colóquio Portuense de Arqueologia», Porto.
- Idem* (1987), «Oito inscrições latinas funerárias do concelho de Arouca» in *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do concelho de Arouca*, Arouca.
- BRANDÃO, Francisco Azevedo (1982), «Notícia da localização do Castro de Ovil em Paramos», *Espinho. Boletim Cultural*, IV (14), Espinho.
- CASTRO, Luís Albuquerque e, O.V. Ferreira e A. Viana (1957), «Acerca dos monumentos dolmênicos da Bacia do Vouga», in *XXIII Cong. Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, t.VIII, Coimbra.
- CORDEIRO, António M. Rochette (1985), «Formas e formações crio-nivais na Serra da Freita», in *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, I, Lisboa.
- Idem* (1986a), *Evolução de vertentes na Serra da Freita*, Coimbra.
- Idem* (1986b) «Análise de declives em estudo de pormenor», in *Actas do IV Colóquio Ibérico de Geografia*, Coimbra.

<sup>13</sup> O mapa do concelho que aqui apresentamos reproduz o publicado em SILVA, 1987b e destina-se a indicar a distribuição de estações e achados em Arouca para o período estudado.

- FERREIRA, António de Brum (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, «Memórias do C. E. G.», 4, Lisboa.
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1922), *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*, Coimbra.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1987), «O povoamento medieval da Terra de Arouca — Contributo para a elaboração da sua Carta Arqueológica», in *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*, Arouca.
- LAMBRINO, Scarlat (1959-60), *Le nom Aefus et la Cité d'Avobriga en Lvsitaniae*, sep. do «Bulletin des Études Portugaises», XXII, Lisboa.
- MAI, Ministério da Administração Interna/Comissão de Coordenação da Região do Norte (1981), *Subsídios para a Caracterização e Ordenamento do Agrupamento de Municípios de Entre Douro e Vouga*, Porto.
- MADAHIL, António G. da Rocha (1941), *Estação luso-romana do Cabeço do Vouga...*, sep. «Arquivo do Distrito de Aveiro», VII, Coimbra.
- MARQUES, José A. Maia (1986), «Castro de Ul», *Informação Arqueológica*, 7, Lisboa.
- Idem* (1987), «Castro de Ul», *Informação Arqueológica*, 8, Lisboa.
- MARTINS, Manuela (1988), *A arqueologia dos castros no norte de Portugal. Balanço e perspectivas de investigação* (conferência ao Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular, policop.), Porto, (neste vol.).
- MEDEIROS, Artur Cândido de, L.Pilar e A.P. Fernandes (1964), *Carta Geológica de Portugal na Escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 13-D — Oliveira de Azeméis*, Lisboa.
- PINHO, Miguel Silva, Isabel Vilas Boas e M<sup>a</sup> de Fátima Pinto (s/d), *Subsídios para o inventário arqueológico de Escariz de Arouca*, policop., inéd., Porto.
- PINHO LEAL, Augusto S.A.B. de (1873-90), *Portugal Antigo e Moderno...* 12 vols., Lisboa.
- RIBEIRO, Carlos (1861), «Memória sobre um grande filão metalífero, que passa ao nascente de Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azeméis», *Memória da Academia Real das Ciências*, t.2 (parte 2), Lisboa.
- SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da (1987a), *O Memorial de Santo António (Sta. Eulália, Arouca) e os «marmoirais» medievais: revisão da sua problemática e propostas para uma análise globalizante*, sep. das «Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca», Arouca.
- Idem* (1987b), «Introdução ao estudo do povoamento castrejo-romano na região de Arouca», in *Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, no prelo.
- Idem* (1988), «Algumas notas para a arqueologia medieval do concelho de Arouca», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, no prelo.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da e Rui Centeno (1982), «1<sup>a</sup> Campanha de Escavações arqueológicas no Castro de Romariz (Vila da Feira, Aveiro) - 1980. Notícia sumária», *Humanidades*, 1, Porto.
- Idem* (1986) *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- SILVA, Filomeno (1986), «Quem protege o Castro de Valinhas?», *Jornal de Notícias*, 20 de Abril, Porto.
- SILVA, Fernando Augusto Pereira da (recolha e compilação) (s/d), *Notas sobre arqueologia recolhidas nos apontamentos inéditos, dactilografados, do Dr. Simões Júnior...*, dactilografado, inédito.
- Idem* (1986) «Monumentos megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da

- situação à luz dos primeiros trabalhos», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26 (1-4), Porto.
- Idem* (1987a), «Características do Megalitismo na freguesia de Escariz (Concelho de Arouca)», in *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*, Arouca.
- Idem* (1987b), «Escavação da Mamoa 2 da Aliviada (Aliviada) — Escariz. Arouca, 1984», *Arqueologia*, 15, Porto.
- Idem* (1988), «Economia e sociedade na região de Arouca, de meados do IV milénio a.C. até finais do I milénio a.C.»..., *Defesa de Arouca*, n.ºs 657-8, Arouca.
- SIMÕES JÚNIOR, Manuel Rodrigues (1959), «Arouca (Subsídios para a sua monografia)», in Vergílio Pereira, *Cancioneiro de Arouca*, Porto.
- Idem* (1962), *Pulceira celta? sep.* das *Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto.
- SOUTO, Alberto (1942), *Romanização no Baixo-Vouga (Novo «oppidum», na zona de Talábriga)*, Extracto dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», IX, Porto.
- SOUTO, Dulce Alves (1958), «Subsídios para uma carta arqueológica do Distrito de Aveiro no período da romanização», *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXIV, Coimbra.
- VAZ, João Inês, 1982 «Primeira campanha de escavações em Cristelo da Branca», *Boletim da Assoc. de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV)*, 6 e 7, Aveiro.
- Idem* (1983), *Escavações no Cristelo da Branca - Breves notas*, sep. «Munda», 5, Coimbra.

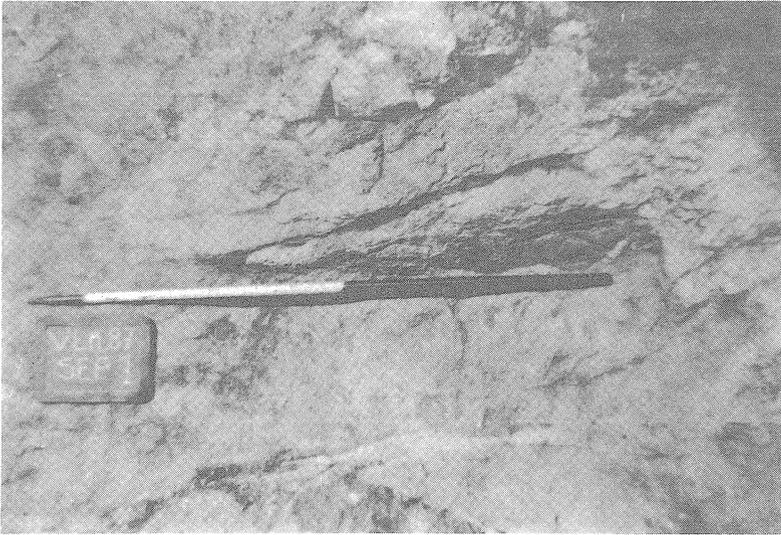


Fig. 1 — Necrópole de Vale Lameiro (Escariz).  
Sepultura escavada na rocha (vista lateral).

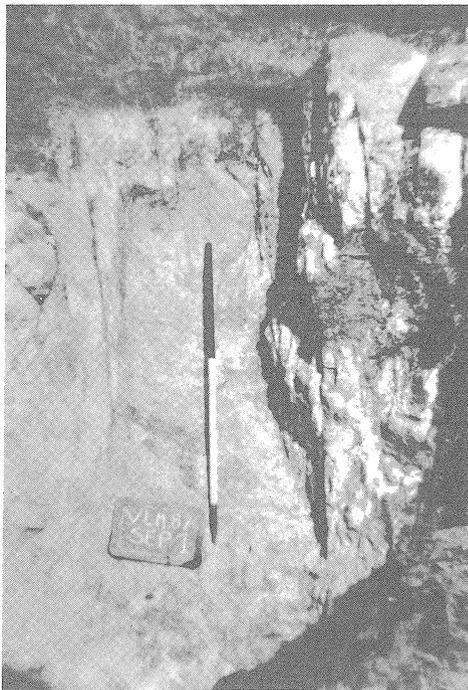


Fig. 2 — Necrópole de Vale Lameiro.  
A mesma sepultura vista de topo.



Fig. 3 — Localização de Castro do Monte Valinhas (S.<sup>1</sup>a Eulália).



Fig. 4 — Aspecto do Vale de Arouca (vista sensivelmente de SW).

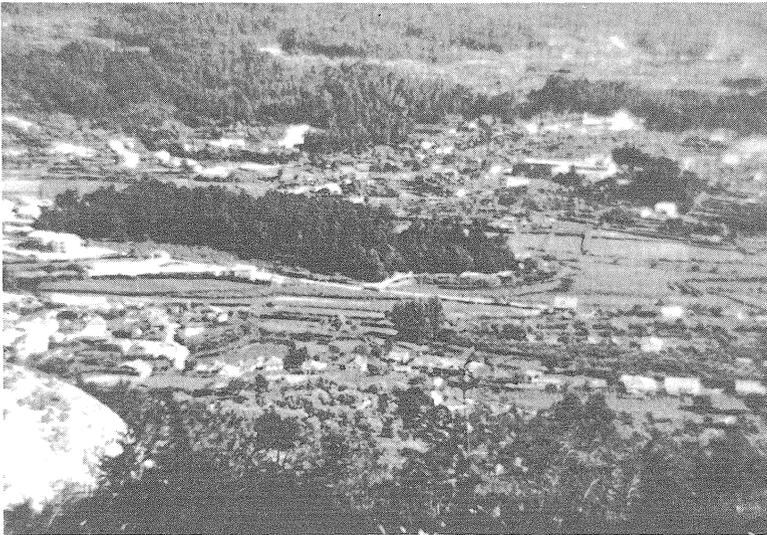


Fig. 5 — Pormenor do Vale de Arouca, visto do Monte Valinhas.

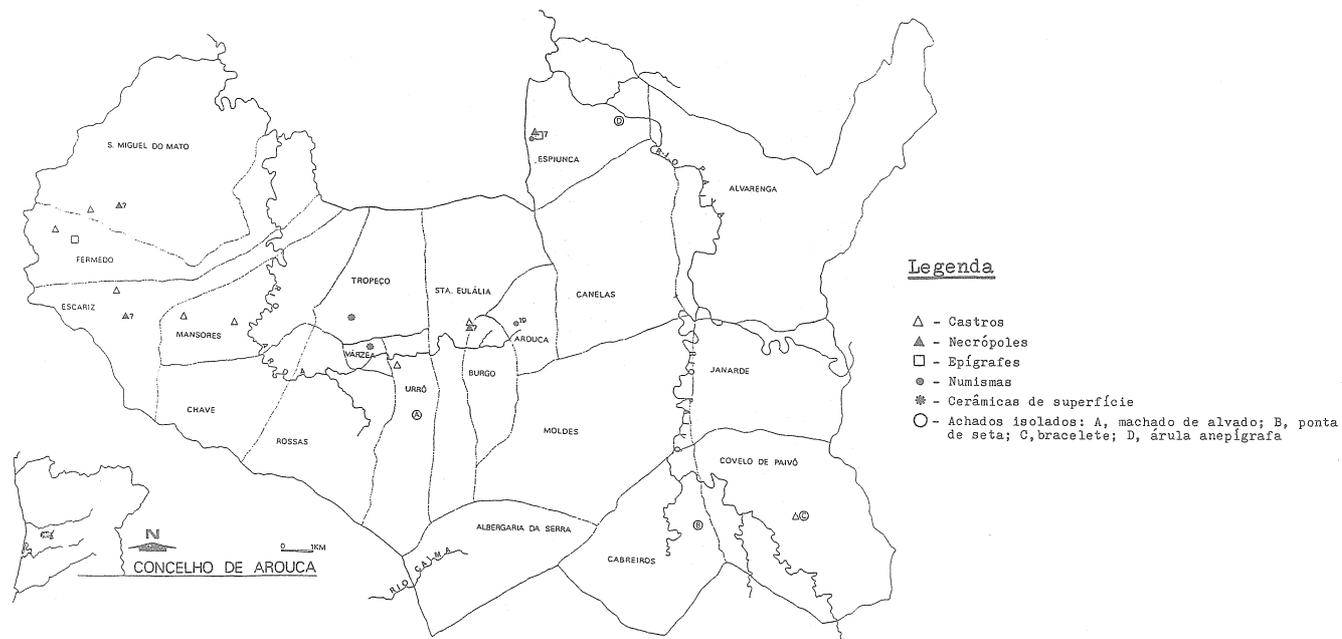


Fig. 6 — Mapa do Concelho de Arouca com a localização de estações e achados relacionáveis com período castreja-romano.